

HISTÓRIA CONTADA

TORTURA NA ERA VARGAS O “ESTADO NOVO”

Ditadura do Estado Novo

A Ditadura no Estado Novo foi o que determinou o final do mandato de Getúlio Vargas, e foi um regime que durou entre 1937 a 1945. O Getúlio criou um “estado policial”, no qual as autoridades (delegados, oficiais e soldados) tinha o poder sobre a sociedade, reprimindo a liberdade individual, tanto na política e no direito de se expressar. E esses métodos eram feitos através de tortura e até mesmo assassinato. Esse estado policial criado por Getúlio teve como necessidade de ampliar a Segurança Nacional contra possíveis rebeliões de grupos revolucionários, tais como a Aliança Nacional Libertadora (ANL), que comandou um levante comunista no Brasil em 1935. Ocorreu que, partindo dessa justificativa contrarrevolucionária, o Estado Novo cerceou toda as liberdades dos cidadãos.

Industrialização

A Ditadura no estudo novo

Sabemos que o período final da Era Vargas (1930 a 1945), conhecido como “Estado Novo”, foi um regime ditatorial que durou de 1937 a 1945. Getúlio Vargas criou um “estado policial”, de exceção, sem garantia das liberdades individuais, sem liberdade de expressão e sem direitos políticos e civis. Uma das consequências mais nefastas desse tipo de regime é o fato de que qualquer autoridade policial (delegados, oficiais e soldados) tem poder praticamente ilimitado sobre o objeto de suas investigações etc. Isso implica, como de fato ocorreu no período referido, a aplicação de métodos como a tortura ou mesmo o assassinato.



As principais características:

O populismo, um sistema partidário frágil e a centralização de poder, acompanhados por uma política trabalhista e conciliatória. As fases da Era Vargas foram: Governo provisório (1930-1934) Governo constitucional (1934-1937) e Estado Novo (1937-1945)

O Estado Novo foi a fase ditatorial da Era Vargas e estendeu-se por oito anos. Nesse período, Vargas reforçou o seu poder, reduziu as liberdades civis e implantou a censura. Também foi o período de intensa propaganda política e um momento em que Vargas estabeleceu sua política de aproximação das massas.

Dentre os tipos de torturas mais utilizadas, destacam-se 10: pau-de-arara, choque elétrico, pimentinha, afogamento, cadeira do dragão, geladeira, palmatória, produtos químicos, agressões físicas e tortura psicológica.

Era vargas:

Em 1930, as eleições foram realizadas e deram a Vitória a Júlio Prestes. No entanto, Prestes nunca tomou posse da presidência. Os aliados mineiros, gaúchos e paraibanos formaram juntos a Aliança Liberal, que se recusou a aceitar a validade das eleições, alegando que houve fraude na vitória de Júlio Prestes. Junto a isso, os deputados eleitos da Aliança Liberal não tiveram o reconhecimento de seus mandatos. Foi então que os estados aliados planejaram uma revolta armada.

A situação se agravou quando João Pessoa, candidato a vice-presidente de Getúlio Vargas, foi assassinado em Recife por motivos muito duvidosos. Frente a isso, a propaganda getulista se aproveitou para atribuir a culpa do assassinato à oposição.

A crise econômica, que se acentuou por conta da crise em 1929, fez com que a indignação ao governo aumentasse ainda mais. O Exército, que era desfavorável ao governo, se mobilizou, formando uma junta governamental composta por generais. Em 3 de novembro de 1930, cerca de um mês depois, Júlio Prestes foi deposto e fugiu juntamente com Washington Luís. A presidência foi passada para Getúlio.



RELATOS DA TORTURA

Relato de uma vítima da tortura na Era Vargas

Aqui está o relato de um senhor que foi vítima da Tortura na Era Vargas. Esse relato vem de um empresário Boris Tabacof, de 84 anos, foi preso e torturado por motivos políticos em 1952, na Bahia. Ele é a primeira pessoa a relatar à Comissão Nacional da Verdade violações de direitos humanos fora do período da ditadura militar (1964-1985). O depoimento foi dado em novembro. A prisão ocorreu durante o governo Getúlio Vargas. Tabacof era à época membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e dava suporte a militantes que atuavam dentro das Forças Armadas..

n

"Fui secretário de organização do Comitê do PCB na Bahia, o segundo cargo do partido no estado. É aí que entra como eu tenho a ver com todo esse movimento, dentro da esfera militar", disse o empresário. Ele que fornecia material ideológico para os militares comunistas. "Eu só tinha contato com uma pessoa, um cabo do Exército cujo nome de guerra era Plínio", acrescentou. Ele contou ter sido obrigado a ficar nu durante vários dias. "A única coisa que tinha nesse cubículo era um balde para as necessidades, e esse balde não era retirado. Então, eu tinha que dormir no chão e, de vez em quando, chegava um soldado e jogava água", afirmou Tabacof no depoimento.

Em 20 de outubro de 1952, Tabacof foi preso dentro de um ônibus. "Foram bofetadas de todo jeito e me arrancaram do ônibus, colocaram-me em uma caminhonete e ela foi direto para o Forte do Barbalho (em Salvador)", contou. No local, começou o período de 400 dias de prisão ao qual foi submetido. Segundo o empresário, as grades das celas do forte eram cobertas com tábuas "para ninguém ver o que estava acontecendo".

A Comissão Nacional da Verdade (CNV), ao apurar o período ditatorial no Brasil, listou pelo menos 434 mortes ou desaparecimentos forçados. Destas 434 mortes, 191 pessoas foram assassinadas; 210 tidas como desaparecidas e 33 foram listadas como desaparecidas, mas depois seus corpos foram encontrados. Os números, segundo a CNV não correspondem ao total de mortos e desaparecidos, mas apenas ao de casos cuja comprovação foi possível.